

Modernidade e política: da guerra espiritual cristã às guerras culturais contemporâneas

A guerra espiritual

Do paganismo ao cristianismo (e além)

A **guerra espiritual** que define o Ocidente começou com a vitória do cristianismo sobre o paganismo.

Uma vez vitorioso, surgem conflitos internos ao cristianismo: **versões mais radicais da compaixão cristã** lutaram contra versões tradicionais e moderadas.

A **modernidade**, por um lado, nasce dessa luta interna: é o **cristianismo que se seculariza**, que expulsa a transcendência e transforma a liberdade em princípio absoluto. Por outro lado, a modernidade também bebeu na "herança clássica".

"O movimento democrático moderno é o herdeiro do movimento cristão" (*Nietzsche, Além do Bem e do Mal, §202*)

Para Nietzsche, as guerras culturais modernas seriam **guerras entre cristãos**, pois serem guerras entre seguidores de versões rivais da moral cristã, mas uma delas (a progressista) apresentaria uma versão mais radical da moral da compaixão e por isso seria mais nociva para "a vida".

Strauss: o cristianismo secularizado e as três ondas da modernidade

Síntese: Strauss define a modernidade como o projeto de libertação do homem: emancipação da natureza e da revelação. Mas essa liberdade, desprovida de medida, gera as três ondas do pensamento moderno.

❏ "The modern project is the project of man's liberation from the tutelage of nature and from the guidance of revelation." — Leo Strauss, *The Three Waves of Modernity*,

01

Primeira onda da modernidade: o racionalismo técnico e científico (Maquiavel e Hobbes)

A fundação moderna com a redução da política à técnica e da natureza a objeto de domínio.

02

Segunda onda – Protesto moral e origem do historicismo (Rousseau e o idealismo alemão)

A tentativa de restaurar um ideal de liberdade e virtude, substituindo a natureza por história e razão.

03

Terceira onda – Historicismo radical (Nietzsche)

A negação de qualquer fundamento natural, racional ou histórico da moral e da política. Nietzsche herda o problema da modernidade e o leva à sua dissolução. Ele é ao mesmo tempo **filho e coveiro** da modernidade.

Voegelin: a imanentização do *eschaton*

Síntese: A modernidade é a tentativa de realizar na história a salvação prometida pela fé: o cristianismo transformado em política de redenção neste mundo.

A fé na redenção se transforma em fé no progresso. A liberdade moderna é a do homem que assume o papel de Deus: criador da história, legislador do bem.

O resultado é a política como teologia secular.

"The gnostic dream of immanentizing the Christian eschaton has replaced the tension toward the divine by the belief in man's self-salvation" (Eric Voegelin, *The New Science of Politics*)



Aron: a religião secular dos intelectuais

Síntese: Os intelectuais modernos (herdeiros da razão crítica) se tornam **os novos clérigos seculares**, pregando uma "religião secular" política para a humanidade. Os intelectuais são uma classe que cresceu muito, não tem tanto poder quanto gostaria e se ressentido.

Formas da alienação:

1

Moralismo abstrato

Julgar a história em nome de valores absolutos, sem responsabilidade pelas consequências.

2

Ideologia

Transformar o ideal de justiça em dogma revolucionário.

3

Nostalgia da fé

Substituir a religião perdida pela crença política (comunismo, nacionalismo, antiamericanismo).

"A paixão pela igualdade substitui o amor pela verdade" (*O Ópio dos Intelectuais*)

"O comunismo é, de fato, o ópio dos intelectuais" (*O Ópio dos Intelectuais*)

Arendt: a compaixão e a morte da liberdade

Síntese: A politização da compaixão (a caridade cristã sem transcendência) destrói a liberdade e a pluralidade.

"A intrusão do social na esfera política [...] transformou a liberdade em uma função da necessidade" (ARENDT, *Sobre a Revolução*)

"A glorificação de Robespierre enaltecendo os pobres e, em todo caso, seu elogio do sofrimento como fonte de virtude eram sentimentais na acepção estrita do termo e, enquanto tais, bastante perigosos, mesmo que não fossem, o que somos inclinados a suspeitar, um mero pretexto para o seu desejo de poder" (ARENDT, *Sobre a Revolução*)

"Quando lançada na política, a compaixão, de forma semelhante, reivindica uma ação rápida e direta, ou seja, a ação por meio da violência" (ARENDT, *Sobre a Revolução*)

Taylor: autonomia e expressivismo: a nova forma da liberdade

Síntese: A modernidade é o momento em que a liberdade se torna interior e expressiva: o homem é chamado a ser autônomo e autêntico, criador do próprio sentido.

A geração de Hegel tenta conciliar dois impulsos irreconciliáveis: o ideal **iluminista de autonomia racional** e o ideal **romântico de expressão integral da vida**.

❏ "O sujeito moderno é autodefinitório, ao passo que, em visões anteriores, o sujeito é definido em relação a uma ordem cósmica" (*Charles Taylor, Hegel*)

"A realização de sua essência é autorrealização do sujeito; assim, ele não define a si mesmo em relação a uma ordem ideal externa, mas antes em relação a algo que evolve a partir dele próprio, a sua própria realização, algo que só se torna determinado nessa realização" (*Charles Taylor, Hegel*)

Taylor mostra que a moral moderna combina duas heranças cristãs:

- **a dignidade da pessoa**, e
- **a interioridade espiritual**, agora convertida em autenticidade.

A crise contemporânea surge quando o expressivismo torna-se absoluto: a liberdade emancipa-se até mesmo da natureza.

O deslocamento da transcendência

Síntese: O sagrado não desaparece na modernidade — apenas muda de lugar: do céu à história, da virtude à vontade, da natureza à subjetividade.

“A especulação gnóstica superou a incerteza da fé afastando-se da transcendência e conferindo ao homem e à sua esfera de ação intramundana o significado do cumprimento escatológico” (Eric Voegelin. *The New Science of Politics*)

As guerras culturais são, portanto, disputas entre visões morais que reivindicam o lugar do absoluto. Uma "guerra" entre novas "religiões seculares" e tradições sedimentadas.

A liberdade sem medida e a crise da democracia

Síntese: A crise da democracia não é a perda da liberdade, mas sua absolutização: a liberdade emancipada da natureza e da virtude torna-se princípio de desintegração cultural.

❏ "The philosopher must recover the question of the good life by nature — otherwise, political philosophy disappears" *Leo Strauss, Natural Right and History, p. 5*



Sem referência à natureza, o direito se dissolve em vontade



E a política em moralismo




A democracia se torna arena de fé moral: uma guerra espiritual travada em linguagem política

A moral progressista e a liberdade e igualdade radicais

Síntese: O progressismo moderno como moral cristã secularizada e radicalizada: compaixão, igualdade e redenção transformadas em política de libertação total (inclusive da natureza)


"The modern project is the project of man's liberation from the tutelage of nature and from the guidance of revelation" *Leo Strauss, The Three Waves of Modernity, p. 89*

Exemplos concretos:



Compaixão → "Empatia" como principal virtude política e moral vitimista


Caridade cristã sem transcendência e sem o controle exercido por outras virtudes.



Igualdade das almas → Igualitarismo social e identitário


"Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher: todos são um só em Cristo Jesus." *Gálatas 3:28*

Igual dignidade convertida em direito moral absoluto (irrefutável e inquestionável).



Redenção espiritual → Progresso histórico

Escatologia transformada em ideologia.



Libertação da natureza → Teoria queer e expressivismo radical

A liberdade emancipa-se até do corpo e da biologia.

Taylor chamaria isso de **expressivismo radical**: a culminação da liberdade moderna.

Consequências do igualitarismo radical:

1. Uma cultura de **indignação moral** permanente;
2. A substituição da argumentação racional pela empatia;
3. A intolerância com a diferença de opinião, vista como "ofensa moral".
4. Todo padrão comum é, potencialmente, excludente. Desconstrução dos padrões culturais dominantes (familiares, sexuais, linguísticos, religiosos, meritocráticos, estéticos etc.) vistos como estruturas de opressão.

Questões

1

Em que medida a modernidade é ruptura com o cristianismo, e em que medida é sua continuação secularizada?

2

A razão moderna leva necessariamente ao niilismo ou há alternativas dentro da própria modernidade?

3

Em que medida as democracias precisam de uma referência transcendente (religiosa, moral ou natural) para se manterem coesas? É possível uma democracia sem referência à virtude?

4

A análise de Arendt condena toda forma de política social? Ou apenas a sua transformação em moral absoluta e antipolítica? A política pode incluir a questão social sem perder a liberdade?

5

Como distinguir entre política e moral em sociedades pluralistas? A moral pode substituir a política sem destruir a pluralidade?

6

É possível recuperar um sentido de liberdade que não dependa de uma verdade absoluta?

7

A filosofia política pode oferecer um novo fundamento comum para sociedades fragmentadas? Algo como o "Direito Natural"?